

Maria Keil nasce em Sines em 1914. Aos 15 anos, rumo a Lisboa sozinha para estudar Belas Artes. É na Escola de Belas Artes que conhece Francisco Keil do Amaral, futuro arquiteto, com quem viria a casar em 1933, com apenas 19 anos. Desenvolvem juntos vários projetos, como o das estações do metropolitano de Lisboa, na década de 50, onde Maria Keil foi responsável pelos painéis de azulejos abstratos e de cariz geométrico, um dos projetos mais populares da artista. Ao conhecer Keil do Amaral, Maria conhece também um grupo influente da época.

Em 1936, Maria Keil começou a trabalhar no ETP (Estúdio Técnico de Publicidade), fundado por José Rocha, com Ofélia Marques [ver ERRATA-10], Selma Rocha, Fred Kradolfer, entre outros. Um dos trabalhos de publicidade que assinou durante o seu tempo no ETP foi o anúncio às cintas Pompadour. Para ilustrar o slogan “Usar a cinta Pompadour, é ter vinte anos toda a vida”, desenhou uma mulher elegante, de vestido comprido, a espreitar por trás de uma máscara. O mesmo tópico seria abordado por Bernardo Marques, colega no ETP, só que, desde um ponto de vista bem diferente de Maria Keil. Bernardo Marques apresenta três personagens masculinas — o médico, o patriota e o viajado — que contemplam as mulheres enquanto explicam porque devem usar cinta. Não se sabe se Maria Keil ou Bernardo Marques tiveram qualquer tipo de responsabilidade pelo texto, mas a diferença de perspetiva na representação da mulher nestes anúncios é significativa.

Maria Keil tinha uma relação estreita com a luta e os movimentos das mulheres. Desenhou o cartaz para a exposição *Livros Escritos por Mulheres*, organizada por Maria Lamas, conhecida feminista e ativista, presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas em 1947. Esta exposição, que mostrava cerca de 3000 livros escritos por mulheres de todo o mundo, foi proibida e fechada pela PIDE apenas uns dias depois de abrir por expor livros censurados. Tanto quanto sabemos, o cartaz já não existe, conhecemos apenas uma reprodução na capa do segundo número da revista *Mulher*, publicada pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, que apresentamos na exposição. Maria Keil foi

também a criadora da papoila que representa o Movimento Democrático das Mulheres e, em 1975, desenhou 4 selos comemorativos do Ano Internacional da Mulher, que representam mulheres ativas, a trabalhar, em quatro sectores de atividade — saúde, agricultura, educação e indústria —, sublinhando a sua luta constante por uma participação igualitária no mundo de trabalho.

Apesar de ter trabalhado para o regime salazarista, em particular com o Secretariado de Propaganda Nacional — como é exemplo o lindíssimo livro *Lisboa* — Maria Keil tinha um posicionamento político contra o regime. Além de ter sido presa em 1953, por ter ido esperar Maria Lamas ao aeroporto (perseguida pela PIDE, Maria Lamas foi presa nesta ocasião, quando voltava de Copenhaga depois de ter participado no Congresso Mundial das Mulheres), foi responsável, em 1969, pelo cartaz político *Por um Portugal Livre e Melhor - Vote CEUD*, durante as eleições marcelistas, em que muitos desejavam e acreditavam numa mudança, que afinal só chegou 6 anos depois. A capa que desenhou para o álbum *Que Nunca Mais*, de Adriano Correia de Oliveira, um ano depois da Revolução de Abril, representa a libertação que o cartaz anterior não conseguiu alcançar.

A história convencional, com as suas categorias e etiquetas simples, tem dificuldade em documentar o trabalho de mulheres como Maria Keil, pelas suas práticas multidisciplinares. Catalogado e documentado maioritariamente como ilustração e azulejaria, o seu trabalho como designer gráfica passou, conscientemente, para um segundo plano, ocultando a sua relevância em domínios como o desenho de selos, capas de livros e discos, o arranjo gráfico de publicações, os cartazes ou a publicidade. Numa entrevista com Madalena Fragoso, Maria Keil confessa que o seu trabalho nas artes gráficas não era “bem estimado pelos outros artistas porque (o que faziam) não era considerado arte, era grafismo, uma coisa comercial”. No entanto, foi um trabalho persistente, o trabalho que continuou durante toda a sua vida. Até à sua morte, em 2012.

*Isabel Duarte, 2021*